

MEU CHORO NÃO É NADA ALÉM DE CARNAVAL: O RACISMO ESTRUTURAL NAS RELAÇÕES DE SAÚDE

Davi Paula da Silva
davi.silva@aluno.fpp.edu.br
Ariadne Rafaela dos Santos Andrade
Bárbara Emanuelle da Silva e Silva
Giovana Zanella Pacheco
Issabelle Françosi
Malory Andrielle Bertolin
Karin Rosa Persegona Ogradowski
Leide da Conceição Sanches

RESUMO: Gilberto Freyre, ao publicar a obra “Casa Grande e Senzala” (1933) abre uma discussão de suma importância no ramo das Ciências Humanas e Sociais, o conceito de democracia racial. Segundo o autor, a colonização imposta pelos Europeus, associada a miscigenação contribuiu para atenuar a relação conflituosa entre as raças, resultando em um país livre de preconceito e discriminação. Contudo, é fato que esse imaginário social proposto por Freyre não resiste à realidade, visto que o racismo estrutural é uma herança cultural que molda as relações humanas, bem como, as relações em saúde. Desta forma, o presente trabalho se propõe a realizar uma análise social acerca da difusão do racismo estrutural no Brasil no que tange a sua influência nos determinantes sociais da saúde. Portanto, para corroborar com a presente pesquisa, utilizou-se a metodologia da problematização, por meio do Arco de Maguerez. Tal método baseia-se em 5 etapas: parte-se da observação da realidade (problema), particularizando seus aspectos para iniciar a reflexão do estudo; levantam-se os pontos-chaves, elencados a partir da reflexão feita na primeira etapa; buscam-se materiais para a fundamentação teórica em busca de respostas para a problemática; levantam-se as hipóteses de solução, buscando a resolução do problema; e por fim busca-se a aplicação à realidade, com proposta de solução do problema (FARIAS, 2015). Na primeira etapa, o problema levantado pelos estudantes por meio da observação da realidade foram os casos de racismo estrutural na sociedade, sobretudo nas relações em saúde, em que a população negra é discriminada vide a ideologia fomentada por um racismo biológico que prega a “mulher negra parteira, que suporta a dor” e resulta que durante o parto essas mulheres recebam menos anestésias e durante o pré-natal sejam menos tocadas, por exemplo. Na segunda etapa foram levantadas, a partir do problema, as palavras chaves, como, “Racismo”, “Racismo Científico”, “Determinantes Sociais da Saúde”, “Racismo em Saúde”, de forma a estabelecer um espaço amostral do impacto e da relação do racismo nas relações em saúde. Na terceira etapa da teorização, foram utilizados os materiais bibliográficos, visto que o presente trabalho se apresenta como uma pesquisa bibliográfica pois, de acordo com Lozada e Nunes (2018, p.158) a pesquisa bibliográfica consiste na “busca de informações, em fontes bibliográficas, que se relacionem ao problema de pesquisa e o fundamentem”. Desta forma, os materiais levantados e a abordagem concentrou-se inicialmente nos estudos sociais, compreendendo a estrutura do racismo desde o Brasil Colônia, evidenciados por autoras negras como Djamila Ribeiro, Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro, até suas implicações na saúde, evidenciado pelo trabalho "A cor da dor:

iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil" de Leal et al. (2017). Assim, é fato que o presente problema é um desafio global que acomete milhões de pessoas e, por este motivo, na quarta etapa em que desenvolve-se a hipótese de solução do problema, vide a complexidade da questão, a hipótese desenvolvida pelos acadêmicos baseiam-se, sobretudo, na conscientização da problemática aos profissionais de saúde. Desta forma, pretende-se divulgar os resultados obtidos no presente trabalho em eventos e em artigos de caráter científico, bem como, em um perfil de uma rede social denominada "dorsemcor" (Dor sem Cor) de forma a compartilhar com profissionais das áreas da saúde sobre a problemática. Como resultado da pesquisa foi possível comprovar que o atual modelo de saúde brasileiro, na prática, se ampara no racismo estrutural, visto que, pensamentos cunhados há mais de 500 anos, são perpetuados até os dias atuais, com consequências para a saúde da população negra, influenciando na sua segurança e bem estar. Conclui-se então que o racismo científico, vertente amparada pelo racismo estrutural, apesar de refutado, ainda hoje prevalece na consciência de diversos profissionais de saúde que, no dia a dia, em suas tomadas de decisões, deixam este pensamento arcaico e discriminatório interferirem no processo de cuidar, resultando nas iniquidades da saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Determinantes Sociais da Saúde. Saúde da população negra. Racismo Científico.

REFERÊNCIAS:

FARIAS, Pablo Antonio Maia de; MARTIN, Ana Luiza de Aguiar Rocha; CRISTO, Cinthia Sampaio. Aprendizagem ativa na educação em saúde: percurso histórico e aplicações. **Revista brasileira de educação médica**, v. 39, p. 143-150, 2015.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEAL, Maria do Carmo et al. A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, 2017.

LOZADA, G.; NUNES, K. S. **Metodologia científica**. Porto Alegre: SAGAH, 2018.